

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

APRENDER COM PORTO ALEGRE: EXPERIMENTANDO VIVER A CIDADANIA NA PRÁTICA EDUCATIVA

Zilá Mesquita

Boletim Gaúcho de Geografia, 20: 127-133, dez., 1995.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38193/24575>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - dez., 1995

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

APRENDER COM PORTO ALEGRE: EXPERIMENTANDO VIVER A CIDADANIA NA PRÁTICA EDUCATIVA

Zilá Mesquita *

Um geógrafo amigo – Bernard Elissalde – me fez notar certa vez, que o estudo do tempo, a história, é (ou pode vir a ser) a descoberta de nós mesmos através da memória dos que nos antecederam, enquanto que o estudo do espaço, do território, é (ou pode vir a ser) a descoberta do outro, dos outros. Aprofundando um pouco esta questão, percebo hoje que o estudo do território também pode nos auxiliar, através da descoberta do outro, a descoberta ou (re) descoberta de nós mesmos. Esta percepção emergiu de uma prática profissional, como professora que sou. Portanto, para começar, devo-a a uma relação social partilhada com os estudantes.

O desafio – O desafio partiu da afirmação de uma aluna que já trabalhava como professora, ao dizer: “O que aqui aprendemos nada tem a ver com a minha prática profissional!”. Terminado o semestre, a aluna se foi, mas a questão ficou. Após três semestres de tentativas diferentes de respondê-la, um conjunto de circunstâncias favoráveis auxiliou-me a vivenciar uma experiência de cidadania através da atividade docente¹. E é ela que desejo compartilhar com vocês. O objetivo não é o de trazer uma receita a seguir, mas de colaborar para um debate que é o tema deste Encontro e, ao mesmo tempo, mostrar que é através de experiências desta natureza que podemos não apenas informar conceitos a nossos alunos, mas auxiliá-los a vivê-los.

Ficha técnica da experiência

1. Postura epistemológica: Fenomenologia. Como nos informa BARROS (1993), é a FRANZ BRENTANO (1838-1917) que devemos o embrião da Fenomenologia, ao reagir ao idealismo hegeliano e sua redução de tudo à história. Assim se expressa BARROS (1993; p.106-107).

Brentano – e isto atraiu Edmund Husserl à filosofia – utilizava com maestria o meio da aporia de abordar os problemas, de maneira que as respostas eram procuradas, perseguidas, construídas (GILES, 1975:129), o que em linhas gerais poderia ser assim exposto: a) o espanto (thauma, gr.) proveniente de uma dificuldade inicial (aporia, gr.), fruto dos argumentos em conflito. É o momento inicial da ignorância, o homem acorrentado, segundo Aristóteles (PETERS, 1977:35); b) surge a diaporía, onde são explorados os caminhos vários, mediante a discussão ou interlocução dialética e investigação das opiniões; c) chega-se à solução, que pode ser confirmação da opinião primeira, a colocação de uma hipótese ou a aceitação de uma contradição (PETERS, 1977:36).

Mas afinal, o que vem a ser a Fenomenologia? Das três acepções do termo Fenomenologia apresentadas por JAPIASSU e MARCONDES (1990; p.97-98), considera-se aqui aquela que designa a corrente filosófica fundada por Edmund Husserl,

(...) visando a estabelecer um método de fundamentação da ciência e de constituição da

filosofia como ciência rigorosa. O projeto fenomenológico se define como 'uma volta às coisas mesmas', isto é, aos fenômenos, *àquilo que aparece à consciência, que se dá como seu objeto intencional*.² O conceito de intencionalidade ocupa um lugar central na fenomenologia, definindo a própria consciência como intencional, *como voltada para o mundo*³: 'toda a consciência é consciência de alguma coisa' (HUSSERL).

É neste sentido que havia aí uma questão intencional subjacente: como é que a relação na sala de aula pode ultrapassar a mera reprodução de conhecimentos e transformar-se, segundo a postura de cada um, em uma vivência frutífera de inserção discente e docente no seu tempo e no seu espaço? Portanto, vislumbrava-se a possibilidade de descoberta de aspectos de nós mesmos e dos outros através de experiências variadas e, num segundo momento, seletivamente escolhidas como uma opção intencional, mesmo que isso não ficasse tão claro assim, num primeiro momento. Na verdade, a

(...) idéia de intencionalidade suporta o conceito de excentricidade – o homem indicando alguma coisa diferente dele – do ser humano. Os atos psíquicos intencionais se distinguiriam em três: as representações, os juízos, e as emoções. As primeiras seriam idéias, ou imagens, num primeiro momento da intencionalidade (Marias, 1978:364). O segundo momento seria o ato do juízo, ou atitude de consideração da representação em relação à verdade. A emoção envolve o interesse, o valorar (Marias, 1978:364). Os primeiros e os últimos exerceram fascínio especial sobre a Geografia da percepção (Barros; p.108).

2. O espírito da proposta de trabalho: de proporcionar aos alunos variadas experiências em relação a territórios urbanos, atendendo ao princípio da diferenciação espacial. Por outro lado, interessava-me que os estudantes vivenciassem conceitos de território, poder, cotidiano e se lançassem à procura de intervenções no território diferentes das formas tradicionais ou daquelas que a opção intencional lhes sugerisse examinar a partir dos estímulos proporcionados. A aliança entre representações e juízos teriam como móvel as emoções, ou seja, o interesse que permite selecionar através da diáspora. E mais, havia o propósito também de que, a partir de uma interação direta com o real, eles pudessem redescobrir-se como pessoas, como futuros geógrafos ou professores de Geografia que serão.

Foi assim que se formatou a proposta de trabalho para o semestre, tendo como intenção básica atender à seguinte finalidade: oferecer elementos para a reflexão sobre o que é, tem sido ou foi; planejar e perquirir qual foi, tem sido ou é; e como se efetiva a participação de geógrafos e de outros profissionais voltados para estas funções.

3. Atividades previstas: discussão a partir de aulas expositivas; leituras e discussão de textos selecionados; palestras e debates com profissionais engajados em atividades de intervenção sobre a realidade, como técnicos de órgãos públicos ou de organizações não governamentais; entrevistas com técnicos e outras pessoas-fonte; visitas a órgãos onde se pratica atividades de intervenção sobre a cidade; exame e seleção de material relativo a atividades de órgãos públicos como os da Prefeitura de Porto Alegre, Metroplan (Fundação de Planejamento Metropolitano e Regional) e/ou outros órgãos do governo do Estado; a partir do exame da publicação *Diretrizes para Porto Alegre*, resultante do 1º Congresso da Cidade do projeto *Porto Alegre Mais – Cidade Constituinte*, seleção e escolha de um projeto ou atividade aí constantes para verificar a sua factibilidade junto ao órgão competente. O questionamento norteador do Congresso foi: qual a cidade que queremos no futuro?, portanto uma questão ampla vinculada ao planejamento territorial da cidade e diretamente relacionada ao conteúdo da disciplina curricular. A publicação oportunizou expor a distinção entre diretrizes, programas, projetos e ações e, discutindo-a, verificar que se encontram incluídos e organizados em nove eixos temáticos a saber: 1 – Cidade com gestão democrática; 2 – Cidade descentralizada; 3 – Cidade que combate as desigualdades e a exclusão social; 4 – Cidade que promove as qualidades de vida e do ambiente; 5 – Cidade culturalmente rica e diversificada; 6 – Cidade atrativa e competitiva; 7 – Cidade que articula a parceria público/privado; 8 – Cidade com estratégia para se financiar; 9 – Cidade articulada à região metropolitana.

4. Núcleo conceitual: Além desta, outras publicações e textos estiveram à disposição dos estudantes no decorrer do semestre, objetivando auxiliá-los a refletir não só sobre planejamento, mas sobre a tríade conceitual: território, poder e cotidiano.

Território é um conceito central em Geografia Política e objeto de estudo nessa disciplina, experiência pela qual também passaram estes estudantes anteriormente. Porém, é digno de nota que, muitas vezes, ele nos pareça algo apenas vinculado ao estado-nação, desde a tradição que, na Geografia, nos vem de Ratzel. Frequentemente ele se apresenta, ainda hoje, impregnado de ambigüidades. Porém, na postura fenomenológica, da qual a Geografia Humanista é um exemplo, o território, a meu ver, pode assumir contornos de vivência e proximia. A meu juízo, sem dúvida não deixa de envolver o poder, sim, mas se aproxima muito do que TUAN (1983) conceitua como lugar. Esta seria uma boa oportunidade de perquirir que recortes o contexto urbano, sobretudo o de uma metrópole como Porto Alegre proporcionaria.

O poder, por sua vez, é um conceito chave e abrangente que permeia a maior parte dos aspectos de nossa vida. Já nos foi apresentado como apanágio de um estado todo poderoso, como regulador dos conflitos sociais ou como um estado de classe, na visão marxista e marxiana. Foucault denunciou esta visão centralizadora do poder, anunciando-o como infiltrado senão em todos, pelo menos em muitos dos aspectos de nossa vida cotidiana: os micro poderes como o da linguagem, através de seus vários discursos possíveis, das prisões, dos hospitais e de tantos outros aspectos institucionais ou não que integram o cotidiano num país e num mundo de sociedades humanas cada vez mais urbanas e de mudanças tão velozes que nem sempre se torna fácil distingui-lo. Refiro-me a duas conotações que o poder pode assumir: o poder de gerir um território, mas também o poder enquanto potência, enquanto capacidade de lidar com a vida, sobretudo sob a forma de potência de atos criativos transformadores de nossa territorialidade, ou melhor de *mudar a vida*⁴ ou pelo menos tentar fazê-lo para melhor. Ambas estão implícitas no planejamento, enquanto processo de intervenção no território, na realidade mais próxima que nos diz respeito, porque nela vivemos.

Por sua vez,

(...) a emergência de um tema como o Cotidiano na literatura de ciências sociais de um modo geral, já na década de sessenta, demonstra que a história da humanidade contada apenas enquanto conjunto de grandes feitos e façanhas, não é suficiente não só para dar conta da complexa construção social de qualquer sociedade ou civilização, como ainda nos torna passivos face ao tempo e ao espaço em que vivemos e dos quais somos partícipes, se almejamos efetivamente sermos sujeitos mais conscientes de nossas próprias vidas (MESQUITA e BRANDÃO, 1995).

Portanto o cotidiano, nesta acepção, nos remete à questão da construção da cidadania. Além disso ele tem a ver com a postura fenomenológica, como se depreende do conceito de redução fenomenológica que suspende a *tese natural do mundo* (do grego *thésis*: posição, acitação).

A 'atitude natural' é a atitude cotidiana de 'tese do mundo', ou seja: acredita-se espontaneamente que as coisas exteriores existam tais como se as vê, portanto, natural e espontaneamente 'põe-se' (aceita-se) o mundo. Ora, quando se descobre que cada indivíduo pode ter uma 'posição' (tese) diferente da dos outros, a 'tese do mundo' torna-se confusa e problemática. A fenomenologia coloca a 'tese natural' entre parênteses para indagar, primeiro, como a consciência funciona e como se estrutura, para, no final, justificar essa 'tese natural' exatamente enquanto atitude irrefletida, ingênua e que precisa ser fundamentada filosoficamente, já que é o modo de viver o cotidiano (HUSSERL, 1980).

Estas são, sumariamente, as razões da eleição destes três conceitos como núcleo básico para tentar aliar teoria e prática na experiência ensino-aprendizagem. Quero ainda esclarecer que muito me agradaria que este núcleo conceitual girasse em torno da seleção de alguns dentre os vários aspectos que compõem a construção de uma verdadeira cidadania, para o que a cidade pode contribuir, como sugere inspiradamente o título do livro *Ciudad Educadora*. A partir desta perspectiva, o cotidiano, o território e o poder em uma metrópole como Porto Alegre estariam, quem sabe, à espera de observadores atentos e criativos para interpretá-los e se educar através desta atitude, desta intencionalidade. Talvez fosse esta uma oportunidade para quem aprecia desafios.

Se assim fosse, um segundo momento da disciplina poderia nuclear nossas atividades conducentes

à realização de pequenos trabalhos individuais, em torno da descoberta de assuntos que se inscriam nesta perspectiva, cujo objetivo principal seria verificar se e como nossa cidade é ou não, ou como poderia vir a ser uma cidade educadora para seus cidadãos.

5. Os objetivos: Em torno desta tríade de conceitos, buscou-se desenvolver os seguintes objetivos no decorrer da disciplina:

1 – Incentivar a escolha de um fato da realidade cotidiana, sobretudo urbana, para acompanhamento e discussão ao longo do semestre;

2 – Proporcionar oportunidades de apurar a atitude de observação e exercitá-la sobre questões relativas a Território, Poder, Planejamento e Cotidiano, tentando aliar teoria e prática;

3 – Realizar leituras metodológicas a cerca do estudo exploratório e entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, que informassem a sua aplicação em trabalho de campo;

4 – Experimentar a realização de pelo menos um estudo exploratório com entrevistas semi-estruturadas, buscando centrá-lo em intervenções sobre o território que envolvessem o Poder, enquanto capacidade de lidar com a vida;

5 – Exercitar a capacidade de se expressar por escrito e oralmente com clareza, leveza⁵ e fidedignidade. O resultado visível deste objetivo expressar-se-ia na elaboração de pequenos artigos, ou relatórios.

Como em toda a tarefa de grupo, para que não se torne errática e aleatória, há necessidade de um ponto de partida ainda que com um caráter propositivo, mesmo tendo-se em conta que virtualmente possa vir a sofrer alterações ao longo do semestre.

6. A vivência: Portanto, assim se estruturou a experiência:

1 – Explicitação da proposta aos alunos;

2 – Experiências temáticas diversificadas em trabalhos de campo e entrevistas com pessoas-fonte, mesmo fora de Porto Alegre, para o grupo como um todo;

3 – Proposição que examinassem o documento contendo as diretrizes, programas, projetos e atividades do Congresso da Cidade, realizado em dezembro de 1993, e elessem aquela que mais se aproximasse de suas motivações pessoais e aí fizessem um acompanhamento junto aos órgãos da administração pública municipal ao qual estivesse afeta a atividade ou projeto, buscando saber o que isto representava para a cidade.

4 – Foram escolhidos pelos estudantes os seguintes temas expressos em projetos ou atividades inclusos nos eixos temáticos, para serem acompanhados ao longo do semestre através de entrevistas com profissionais nos órgãos condizentes:

– o porto de Porto Alegre

– a incubadora empresarial de Porto Alegre e a questão da tecnópolis

– a poluição atmosférica

– o sistema viário e alguns de seus problemas específicos

– o arroio Dilúvio e questões referentes à sua bacia.

7. O repto: Ou melhor, o estímulo, foi o de propor-lhes que fizessem a tarefa escolhida da melhor forma, de modo que seus trabalhos pudessem se transformar, em testemunho, para outros estudantes, de um trabalho feito com entusiasmo e que, portanto, representasse um exemplo de que, na atividade discente, pode-se ensaiar a aliança entre teoria e prática. Uma profecia auto-realizadora sobre os seus trabalhos foi pois a minha expectativa de receber trabalhos tão bons que pudessem ser mostrados como estímulo a outras turmas. Pelo menos nos meus "arquivos indelévels", de colecionadora de bons trabalhos dos meus alunos, eles estariam.

Resultados esperados e imprevistos – Com o término do semestre letivo, a experiência tal como foi concebida, findou. Todavia por entender que as experiências em educação fazem parte de um processo, que é o da própria vida, neste sentido esta não findou aí.

Do ponto de vista prático, houve a apresentação em aula dos trabalhos propostos de forma oral e por escrito. Pelo menos dois destes trabalhos auxiliaram os estudantes que o fizeram, como insumo a seus trabalhos de graduação. Além disso, uma das estudantes, como resultado de seu trabalho, realizou seu estágio profissional no semestre seguinte, na Incubadora Tecnológica de Porto Alegre e mais tarde optou pelo tema "Tecnópolis", vinculado ao trabalho da disciplina, em seu Trabalho de Graduação. Do ponto de vista do aproveitamento deste conjunto de vivências, nada melhor que dar voz aos

estudantes que as experienciaram, através de excertos de seus depoimentos escritos:

A disciplina Organização do Território e Planejamento me surpreendeu positivamente, pois cada aula foi uma surpresa para mim. Foi uma disciplina que conseguiu unir as teorias com a prática, e que mostrou, e comprovou para nós, alunos de Geografia, que existe campo de trabalho; é só conquistá-lo. (...) Esta disciplina conseguiu alcançar os seus objetivos de maneira descontraída e criativa. Heloísa Gaudic Lcy Lindau

A saída de campo a Silveira Martins proporcionou a oportunidade de ver como é importante intervir na realidade com criatividade e seriedade, buscando o apoio, o envolvimento e a sabedoria popular. (...) O desenvolvimento desta disciplina foi ótimo. As primeiras aulas expositivas nos deram a base para compreender as palestras dos profissionais convidados. O trabalho com as diretrizes para Porto Alegre me deu a chance de ter contato com a realidade, e de finalizar a disciplina com um trabalho que envolveu teoria e prática. Paula Ehrensperger Ramos

Esta avaliação é para mim uma oportunidade de repensar o que foi abordado e trabalhado nesta disciplina no primeiro semestre de 94. O acompanhamento desta disciplina foi muito agradável e proveitoso em todos os aspectos. (...) Estes trabalhos foram importantes na medida em que tornaram possível transportar para a realidade o que foi discutido em sala de aula. O trabalho de acompanhamento de uma diretriz do Projeto Porto Alegre Mais - Cidade Constituinte, também proporcionou uma oportunidade de pensar o Planejamento Urbano e qual a contribuição que o geógrafo tem a dar na produção do espaço. Francisco Eliseu Aquino

A disciplina no decorrer do semestre mostrou-se muito ampla, tratando de vários assuntos através de enfoques diferenciados. O trabalho no todo foi criativo e muito proveitoso, como a saída de campo para Gravataí (RS) e o acompanhamento da diretriz escolhida. Também as palestras foram esclarecedoras. (...) Apesar das adaptações realizadas no programa inicial, ao contrário de trazer prejuízos, foram benéficas quanto ao resultado final para o grande grupo. Susane Hübner Alves

Adorei a sensação que tu nos proporcionaste de ver como nós, geógrafos, podemos contribuir na construção de uma cidade, de um estado, de um país, de um mundo melhor para vivermos. Me senti realmente gratificada pela minha opção pela Geografia. Posso te afirmar que contribuíste muito para um crescimento pessoal e profissional de todos teus alunos desta disciplina. Um dos fatores que contribuíram para isso, foram os trabalhos com as diretrizes, que nos possibilitaram conhecer vários órgãos da atual administração municipal, o que nos mostrou que, como geógrafos, nós temos inserção, sim! Particularmente, foi uma experiência que guardarei com carinho no arquivo das lembranças perenes que nos ensinam muito sobre nós mesmos e sobre a vida, o mundo, o valor do trabalho que é feito com paixão (...) Charlotte Santos da Silva

Talvez algumas conclusões, embora breves, poderiam ser tiradas da experiência aqui sucintamente relatada.

Como preconiza o método fenomenológico, as emoções servindo como amálgama entre representações e juízos, mencionadas anteriormente, parecem ter caracterizado a experiência vivida pelos estudantes, segundo os depoimentos antes apresentados.

Por fim esta apresentação deixaria a desejar se não se incorporasse uma pequena reflexão minha sobre o atingimento ou não dos propósitos que tive em mente ao iniciar a experiência, como sujeito que fui, também, nesta aprendizagem.

Do ponto de vista do método fenomenológico, é preciso considerar que sou uma aprendiz (talvez eterna aprendiz) que não o domina perfeitamente. Todavia, oportunizar um leque de experiências diversificadas para refletir sobre elas, teve o intuito de aproximar-me, enquanto método, da perspectiva

fenomenológica.

Sem dúvida, ela teve o mérito de nos fazer vivenciar o que BARROS (1993: p.114) refere a seguir.

Na parte inicial (...) sobre a fenomenologia, fez-se referência ao método utilizado por Brentano, da exploração das opiniões diferentes (Giles, 1975:129), no sentido de construir as soluções (aporía). A via fenomenológica, assim, explora perspectivas diversas – consideradas de mesmo valor – e as ambigüidades são entendidas como pertinentes e relevantes na pesquisa. A análise do complexo de percepções diferentes do meio ambiente, por exemplo, ajuda na avaliação das formas mediante as quais os homens tem se relacionado com o meio (Machado, 1986:143). Isto pode se tornar útil na reavaliação destas formas de relação. Do ponto de vista fenomenológico, a presença da filosofia fenomenológica, na Geografia, trouxe duas ordens de contribuições. Uma primeira, radica-se no caráter de uma filosofia aberta à vivência – fundamentada no dinamismo intencional de uma consciência sempre aberta (Giles, 1975:132), como se fez referência antes – o que sem dúvida representou um desafio aos modelos neodeterministas (GOODEY e GOLD, 1986:18).

Por outro lado, é preciso esclarecer que, no curto espaço de tempo de um semestre, seria pretencioso afirmar que todos os objetivos foram atingidos. Um deles, que era o de realizar leituras metodológicas a cerca de estudo exploratório e entrevistas estruturadas e semi-estruturadas, que informassem a sua aplicação em trabalho de campo, não chegou a se efetivar. Proporcionar oportunidades de apurar a atitude de observação e exercitá-la sobre questões relativas a Território, Poder, Planejamento e Cotidiano, tentando aliar teoria e prática, foi um objetivo que esteve mais implícito que explícito durante o semestre.

Quanto ao objetivo de experienciar a realização de pelo menos um estudo exploratório com entrevistas semi-estruturadas, buscando centrá-lo nas intervenções sobre o território que envolvessem Poder, enquanto capacidade de lidar com a vida, creio que se fosse realizar novamente a experiência, seria necessário reforçar, do ponto de vista de orientação metodológica, o acompanhamento a cada estudante. No que respeita aos demais objetivos, creio que foram atingidos. Concordo com os estudantes que a experiência foi rica e prazerosa para todos nós.

Porto Alegre nos auxiliou a compreender, cada um à sua maneira, que a cidadania não é um conceito abstrato. Para compreendê-la é preciso vivê-la. Ela não precisa assumir apenas um caráter reivindicativo por parte dos cidadãos que habitam a cidade, embora não se negue a importância do mesmo. O que desejo sublinhar é que ela é uma construção que se modifica e se atualiza ao longo do tempo e segundo a diferenciação territorial. Neste sentido é inseparável do território em que habitamos. Se assim é, são também nossas práticas profissionais que nos permitem instalar o criativo em nossa cidadania.

Recordando que a questão de fundo era: como é que a relação na sala de aula pode ultrapassar a mera reprodução de conhecimentos e transformar-se, segundo a postura de cada um, em uma vivência frutífera de inserção discente e docente no seu tempo e no seu espaço – parece-me que o desafio atual reside em tentar aliar, na busca de conhecimento sobre o território, razão e sentimento. Mas, indubitavelmente, não há receitas. Há desafios, erros, aprendizagens e às vezes, algum sucesso, se é que podemos batizar com este nome alguns resultados positivos no processo interativo de ensino-aprendizagem, quando eles ocorrem.

Em suma, tentou-se, no decorrer do semestre, oportunizar experiências que demonstrassem que há sempre a possibilidade de conferir um papel auto-gestionário à relação que estabelecemos com nosso território, pois ele sempre contém, embutida, uma relação social espacial. Ou, como sugere Lefévre, é ao concretizar práticas espaciais materiais correspondentes ao espaço vivido que poderemos, se assim o quisermos, corroborar para um outro imaginário social nos territórios em que vivemos.

¹ A oportunidade apresentou-se quando me ofereci para substituir no primeiro semestre de 1994, na disciplina *Organização do Território e Planejamento* do curso de Geografia da UFRGS, a colega Tânia Strohacker, que entrara em licença-gestante.

² O grifo é meu.

³ Também aqui o grifo é meu.

* Valho-me aqui da bela expressão que titula um livro de AGNES HELLER: "Para mudar a vida: liberdade, felicidade e democracia".

* Como nos informa étalo CALVINO (1991) em *Seis propostas para o próximo milênio*, uma das qualidades ou valores prospectivos para a literatura, (mas creio que não só para ela) é a leveza.

- AJUNTAMENT DE BARCELONA. *La ciudad educadora*. Barcelona: Regidoria d'edicions i publicacions, 1990. I Congrés Internacional de Ciutats Educadores
- BANCO INTERNACIONAL PARA A RECONSTRUÇÃO E DESENVOLVIMENTO. *Política Urbana e Desenvolvimento Econômico: uma agenda para a década de 90*. Washington, D.C: Banco Mundial, 1992
- BARROS, Nilson Cortez Crócia de. *Geografia Humana. Uma introdução às suas idéias*. Recife: Editora Universitária, UFPE, Série Teses Universitárias, 1993.
- JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor pp. 97-98, 1990
- HUSSERL, Edmund. *Husserl (1859-1938) Vida e obra*. São Paulo: Coleção *Os Pensadores* Abril Cultural, 1980
- MESQUITA, Zilá e BRANDÃO, Carlos (organizadores). *Territórios da Cotidiano*. Porto Alegre-Santa Cruz do Sul: Editora da Universidade UFRGS e Editora da UNISC, no prelo.
- MESQUITA, Zilá. Geografia hoje: algumas reflexões. *Anos 90 – Revista do Curso de Pós-Graduação em História*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1994, pp. 77-102
- MESQUITA, Zilá. Do território à consciência territorial. In: MESQUITA, Zilá e BRANDÃO, Carlos (organizadores) *Territórios da Cotidiano*. Porto Alegre-Santa Cruz do Sul: Editora da Universidade UFRGS e Editora da UNISC, no prelo
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. *As idéias que vão mudar a cidade nos próximos anos* Porto Alegre: *Projeto Porto Alegre Mais Cidade Constituinte*, 1993
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. *Diretrizes para Porto Alegre*. Porto Alegre: Projeto Porto Alegre Mais Cidade Constituinte, 1993
- PREFEITURA MUNICIPAL DE PORTO ALEGRE. *O papel do público e do privado na construção da cidade*. Porto Alegre: Projeto Porto Alegre Mais Cidade Constituinte, 1993
- TUAN, Yi-tu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. 1983, Cap. 2, pp.9-21

Pessoas-fonte entrevistadas pelo grupo

- Benênia Alfonsin, advogada e técnica da Organização Não Governamental (ONG) FASE, a km de participante do "Forum da Reforma Urbana".
- Dieter Nygaard, arquiteto urbanista, técnico na Prefeitura Municipal de Gravataí e professor no Departamento de Urbanismo.
- Gervásio Neves, geógrafo e professor do Departamento de Geografia da UFRGS
- José Itaquí, secretário municipal de Educação e Cultura de Silveira Martins.
- Luis Miranda, arquiteto urbanista e secretário municipal de Planejamento da Prefeitura de Gravataí
- Udo Mohr, arquiteto urbanista e professor da Faculdade de Arquitetura Ritter dos Reis.

Outras pessoas-fonte entrevistadas nos órgãos da Prefeitura de Porto Alegre ou na Universidade pelos estudantes individualmente, para os trabalhos escolhidos

- César Acosta Rech Coordenador Operacional da Incubadora Empresarial e Tecnológica de Porto Alegre (IETEC), sobre incubadora empresarial e tecnópolis.
- Fernando Livi, professor no Departamento de Geografia e pesquisador sobre poluentes atmosféricos em Porto Alegre.
- Técnicos da Secretaria Municipal de Planejamento da Prefeitura de Porto Alegre, e da administração do Porto, sobre o porto de Porto Alegre.
- Técnicos da Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Porto Alegre, sobre poluição atmosférica.
- Técnicos da Secretaria Municipal dos Transportes da Prefeitura de Porto Alegre, sobre o sistema viário de Porto Alegre.
- Técnicos do Departamento de Esgotos Pluviais DEP da Prefeitura de Porto Alegre, sobre obras contra cheias e sobre o Arroio Dilúvio

* Professora no Departamento de Geografia da UFRGS. O colega Álvaro Heidrich, do Departamento de Geografia da UFRGS, com o desprendimento e solicitude que o caracterizam, aceitou prontamente em ler e criticar a versão preliminar deste artigo, oferecendo-me sugestões úteis. Isento-o porém das incorreções ou obscuridades, se estas ainda existirem no texto.